

Coração artificial ajuda a esperar pelo transplante

Carlos Vasconcellos

Para o Valor, do Rio

Um forte estresse durante uma sessão no Fórum de Nilópolis, no Rio de Janeiro, causou um infarto agudo na advogada Ester Specterow. O quadro evoluiu para um choque cardiogênico, que agravou ainda mais a condição da paciente. Os médicos não davam a ela mais do que seis horas de vida. Transferida para um hospital especializado, Ester foi salva por um coração artificial. Mais tarde, recebeu o implante móvel. Depois de quatro meses de internação e 48 dias de coma, ela deve voltar para casa nos próximos dias. "Se eu tivesse infartado no ano passado, estaria morta, porque esse aparelho ainda não estava disponível no Brasil", diz Ester. A advogada, de 53 anos, fazia check-ups regularmente, e nunca tinha detectado nenhum problema cardíaco.

Implantado no paciente, o coração artificial móvel fica conectado por um cabo a uma bateria externa que pesa aproximadamente dois quilos e precisa ser recarregada a cada quatro horas. "Não posso mergulhar, preciso tomar cuidados no banho e a bateria conectada ao coração restringe os movimentos", pondera Ester. "Mas estou viva."

O cirurgião cardiovascular Alexandre Siciliano foi o responsável pela operação que salvou Ester. Médico do Hospital Pró-Cardíaco, do Rio, pioneiro no uso desse tipo de implante no Brasil, ele explica que o coração artificial para uso prolongado é uma solução para o

tratamento dos estágios finais de qualquer doença cardíaca. "Ele pode ser usado para manter vivo um paciente depois de um infarto agudo, enquanto o coração se recupera ou, se não houver possibilidade de recuperação, mantê-lo vivo durante a espera na fila do transplante", diz Siciliano. E isso pode fazer toda a diferença entre a vida e a morte, já que cerca de 50% dos pacientes morrem enquanto aguardam um doador compatível.

"Uma das vantagens do coração artificial é que ele não provoca rejeição no organismo do paciente", explica Siciliano. "Já há pessoas na Europa com sobrevida de nove anos depois do implante", afirma. No entanto, o uso do aparelho exige alguns cuidados. Como a ligação com a bateria é externa, é preciso muito cuidado para que a conexão não se torne uma porta aberta para infecções. "Também é preciso o uso permanente de medicamentos anticoagulantes, pois há tendência à formação de trombos que podem entupir artérias."

O aparelho ainda não está disponível no Brasil e só pode ser importado pelo próprio paciente, com autorização da Anvisa. O preço nos EUA varia de US\$ 70 mil a US\$ 100 mil, mas Siciliano acha que o valor deve cair nos próximos anos. "Um relatório do Bank of America, sobre as tendências tecnológicas na área de saúde, aponta que o número desses implantes nos EUA vai crescer de 1,5 mil por ano para 7 mil nos próximos cinco anos, uma alta de 71% ao ano", argumenta. "Com isso, o custo deve cair consideravelmente."